



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE ZOOTECNIA**

ANDREVÂNIA SILVA RIBEIRO

**CARACTERIZAÇÃO DA CRIAÇÃO DE PEQUENOS ANIMAIS NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE COCALINHO NO MUNICÍPIO DE SANTA FÉ DO ARAGUAIA -
TO**

ARAGUAÍNA (TO)

2022

ANDREÂNIA SILVA RIBEIRO

CARACTERIZAÇÃO DA CRIAÇÃO DE PEQUENOS ANIMAIS NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE COCALINHO NO MUNICÍPIO DE SANTA FÉ DO ARAGUAIA -
TO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à UFT – Universidade Federal
do Tocantins – Campus Universitário de
Araguaína para obtenção do Título de
Bacharel em Zootecnia, sob orientação do
Prof^a. Dr^a. Susana Queiroz Santos Mello

Orientador: Prof^a. Dr^a. Susana Queiroz
Santos Mello

ARAGUAÍNA (TO)

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

R484c Ribeiro, Andrenáia Silva.
 CARACTERIZAÇÃO DA CRIAÇÃO DE PEQUENOS ANIMAIS NA
 COMUNIDADE QUILMBOLA DE COCALINHO NO MUNICÍPIO DE
 SANTA FÉ DO ARAGUAIA-TO. / Andrenáia Silva Ribeiro. –
 Araguaína, TO, 2022.
 34 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
 Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Zootecnia, 2022.
 Orientadora : Susana Queiroz Santos Mello

 1. Produção . 2. Comunidade . 3. Alimentação . 4. Subsistência .
 I. Título

CDD 636

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANDREVÂNIA SILVA RIBEIRO

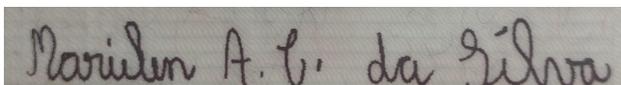
CARACTERIZAÇÃO DA CRIAÇÃO DE PEQUENOS ANIMAIS NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE COCALINHO NO MUNICÍPIO DE SANTA FÉ DO ARAGUAIA -
TO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Zootecnia, foi avaliado para a obtenção do Título de Bacharel em Zootecnia e aprovado em sua forma final pelo Orientadora Prof^a. Dr^a. Susana Queiroz Santos Mello e pela Banca Examinadora.

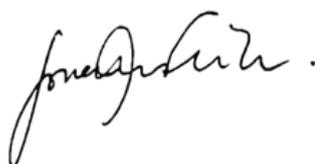
Data de Aprovação: 10 de agosto de 2022.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr^a. Susana Queiroz Santos Mello, Orientadora, UFT



Prof^a. Dr^a. Marielen Aline Costa da Silva



Prof. Dr. Jorge Luís Ferreira

Dedico este trabalho a minha amada
família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me manter firme no meu propósito e pelas vezes que pensei em desistir ele sempre me ergueu.

E com toda certeza agradeço imensamente a minha família que sempre esteve do meu lado nos momentos mais difíceis, a minha mãe Maria Natividade, meu falecido pai Paulo Ribeiro, que em meio a essa pandemia veio a óbito deixando uma imensa saudade, mas que enquanto era vivo não media esforços para me ajudar, a meus irmãos Andressa Ribeiro e Paulo Filho que sempre estiveram do meu lado me apoiando e me dando forças.

Em especial agradeço ao meu querido filho Davi Luiz e meu marido Luiz Carlos por estarem sempre comigo nessa caminhada e me apoiarem nos meus piores momentos.

Aos meus amigos Simone Silva, Giovana Akemi, Leandro Roberto, Ana Vitoria que estiveram comigo desde o início dessa caminhada, nos momentos bons e ruins “entre tapas e beijos”, sempre fizeram questão de demonstrar seu total apoio.

Ao meu primo Railson que sempre que podia me ajudava a cuidar do meu filho para que eu pudesse fazer alguma atividade da faculdade.

Um agradecimento a Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT campus de Araguaína, a todos os professores, em especial a Prof^a. Dr^a. Susana Mello pelo apoio e dedicação, e por aceitar ser minha orientadora.

Obrigado a todos pelo carinho, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

As comunidades quilombolas são formadas por refugiados de escravos que viviam da agricultura familiar, através do plantio de mandioca, arroz, feijão, dentre outras culturas e também da criação de pequenos animais. Esses povos tradicionais possuem costumes que foram deixados pelos seus antepassados, e assim mantidos pelos descendentes como o cuidado com a terra e atividades produtivas de forma sustentável. Visando conhecer as atividades de produção animal desenvolvidas na comunidade quilombola, o presente trabalho objetivou-se caracterizar a criação de pequenos animais junto à comunidade quilombola de Cocalinho no município de Santa Fé do Araguaia - TO. O estudo foi realizado em Cocalinho, comunidade remanescente de quilombo, por meio de coleta de informações através da pesquisa etnográfica, com aplicação de questionários do tipo semiestruturado, conversas informais, entrevistas e observação não participativa. A abordagem foi realizada para compor um diagnóstico de caracterização dos tipos de animais de criação que têm na comunidade, de que forma é feita essa criação desde o momento da escolha do animal até o destino do produto final, dentre outros aspectos. A criação de pequenos animais na comunidade quilombola constituída por porcos e galinhas criados em geral com sobras da alimentação dos criadores e farelos e grãos comprados na região, e o destino em maior parte dos animais é utilizada no consumo dos próprios criadores e em poucas ocasiões são vendidos ao comércio local. Essa atividade é de grande importância para os moradores, pois é de grande ajuda nas despesas de casa, contribuem na alimentação e por vezes nas despesas. Uma das principais fragilidades encontradas é que a falta de acompanhamento técnico e direcionamento desses criadores torna a criação um pouco precária, o que poderia ser uma fonte de renda na comunidade.

Palavras-Chave: Alimentação de subsistência. Atividades produtivas. Comunidades tradicionais. Monogástrico.

ABSTRACT

The quilombola communities are formed by slave refugees who lived on family farming, through the planting of cassava, rice, beans, among other crops and also the creation of small animals. These traditional peoples have customs that were left by their ancestors, and thus maintained by their descendants, such as care for the land and productive activities in a sustainable way. Aiming to know the animal production activities developed in the quilombola community, the present work aimed to characterize the creation of small animals in the quilombola community in the municipality of Santa Fé do Araguaia - TO. The study was carried out in Cocalinho, a remaining quilombo community, through the collection of information through ethnographic research, with the application of semi-structured questionnaires, informal conversations, interviews and non-participatory observation. The approach was to compose a diagnosis of characterization of the types of livestock that they have in the community, how this creation is done from the moment of choosing the animal to the destination of the final product, among other aspects. The creation of small animals in the quilombola community, consisting of pigs and chickens raised in general with leftovers from the feed of the creators and bran and grains purchased in the region, and the destination of most of the animals is used for the consumption of the creators themselves and in a few occasions they are sold to the local trade. This activity is of great importance to the residents, as it is of great help with household expenses, contributing to food and sometimes expenses. One of the main weaknesses found is that the lack of technical support and guidance from these creators makes the creation a little precarious, which could be a source of income in the community.

Keywords: Subsistence food. Productive activities. Traditional communities. Monogastric.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Território da Comunidade Quilombola de Cocalinho.....	16
Figura 2 - Imagem de satélite do território quilombola destacando delimitação feita pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)	17
Figura 3. Criação de animais na Comunidade Quilombola de Cocalinho.....	21
Figura 4. Criação de animais na Comunidade Quilombola de Cocalinho município de Santa Fé do Araguaia.....	22
Figura 5. Espécies de animais criados na Comunidade Quilombola de Cocalinho....	23
Figura 6. Área comunitária de criação de “porcos”	24
Figura 7. Farelo de arroz utilizado na alimentação dos porcos (A), milho inteiro (B) e farelo de arroz (C).....	25
Figura 8. Comedouros utilizados para alimentar os porcos e construídos com cimento (A), madeira (B) e tambores reciclados (C)	25
Figura 9. Galinhas criadas ao ar livre (A) e estrutura de contenção de galinhas na Comunidade Quilombola de Cocalinho.....	28

LISTA DE SIGLAS

ACQC	Associação Comunidade Quilombola de Cocalinho
FCP	Fundação Cultural Palmares
CQC	Comunidade Quilombola de Cocalinho
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria
ADCT	Ato da Disposição Constitucionais Transitórias
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 HIPOTESE.....	13
3 OBJETIVO.....	13
3.1 Objetivos Gerais.....	13
3.2 Objetivos específicos	13
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
4.1 Quilombo – O Começo de Tudo.....	14
4.2 O surgimento da Comunidade Quilombola de Cocalinho.....	15
4.3 A agricultura familiar na comunidade.....	18
4.3.1 A criação de animais junto à comunidade.....	18
5 METODOLOGIA	19
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	21
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Observa-se na história do Brasil que o país é constituído por grandes grupos sociais identitários, dentre eles estão os quilombolas, que através dos anos mantém o reconhecimento e valorização das suas culturas originais, especificidades e importância histórico-cultural para o país. Existem comunidades remanescentes quilombolas distribuídos em todo o território da América Latina, sendo que a maior parte delas estão localizadas no Brasil (QUILOMBOLAS...p. 116, 2019).

Segundos levantamentos feitos pela Fundação Cultural Palmares (FCP) existem hoje no Brasil aproximadamente 4 mil comunidades remanescentes quilombolas certificados, e grande parte destas estão localizadas no estado da Bahia com 743 e Maranhão com 689 (MATOS E EUGENIO, 2018). Apenas 45 delas estão localizadas no estado do Tocantins, sendo que 38 das mesmas estão certificadas segundo a Fundação Cultural Palmares (2022, p. 1). Dentre as comunidades quilombolas existentes no Tocantins, encontra-se a de Cocalinho situada no município de Santa Fé do Araguaína, região norte do Estado, formada a mais 50 anos e reconhecida como comunidade remanescente de quilombo a mais de 14 anos.

A Fundação Cultural Palmares é o órgão federal responsável por emitir a Certidão de Auto definição de Comunidade Remanescente de Quilombo, dessa forma passa a conhecer legalmente que aquela comunidade e o território que ocupam tem relação com os antigos quilombos de escravos. Com a certidão a comunidade passa a ter direitos e amparos legais assegurados pela Constituição Federal, que se referem a defesa e a valorização do patrimônio cultural brasileiro e afro-brasileiro. Além destes normativos legais, também o artigo 68 do Ato das disposições constitucionais transitórias garante a propriedade definitiva de seu território aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras destaca (CONAQ, 2021).

A sobrevivência dos comunitários quilombolas, em geral, está ligada à produção agrícola familiar, afirma Santos (2019) e para sobreviverem muitos desses quilombos mantinha relações econômicas com diversos setores da sociedade colonial como lavradores, pescadores e camponeses. Todavia seu principal meio de sobrevivência era o plantio de arroz, mandioca para a produção de farinha, caça e

pesca, além da criação de pequenos animais como porcos e galinhas dentre outros. Tais atividades econômicas são mantidas até os dias atuais, assim como os problemas enfrentados para manter essas atividades.

As informações sobre os tipos de criação de animais, suas características, forma de manejo, relações do homem com os animais, dentre outros entendimentos do contexto zootécnico em comunidades Quilombolas são poucas. Assim existe uma grande demanda por esse entendimento que pode ser obtido através de coletas de informações com pesquisa em comunidade como a de Cocalinho, e através destas informações ser possível resolver problemas encontrados na comunidade.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

No presente trabalho objetiva-se conhecer as atividades de produção animal desenvolvidas por meio da caracterização da criação de pequenos animais junto à comunidade quilombola no município de Santa Fé do Araguaia - TO.

3.2 Objetivos específicos

Identificar as espécies de animais criados na comunidade quilombola no município de Santa Fé do Araguaia - TO.

Caracterizar como é realizada a criação dos animais com suas práticas de manejo, alimentação, dentre outras.

Identificar a forma de aquisição dos animais de criação e o destino dos mesmos junto à comunidade quilombola, bem como o entendimento de aspectos nutricionais, sanitários, dentre outros.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Quilombo – O Começo de Tudo

Junto a história do Brasil está o tráfico de Africanos como aqueles trazidos da África ao país entre os séculos XV e XIX. Durante o período de escravidão foram vários protestos contra essa dominação, o escravismo só foi possível com vigilância e o uso de violência como punição preventiva. Essa lógica de castigo e repressão eram necessárias para manter o funcionamento da ordem escravocrata. Furtado, Pedroza e Alves (2014, p. 106) afirmam que

“Em decorrência das punições do sistema repressor, os escravos criaram estratégias de defesa clandestinas e fugas em busca de liberdade. Os quilombos representaram formas de resistência e luta contra a opressão vivenciada por africanos e seus descendentes ao longo da história brasileira, tendo emergido diante de uma situação de confronto e conflito”.

Ao se falar em Quilombo, logo vem à cabeça Quilombo dos Palmares (esse nome foi dado devido à grande quantidade de palmeiras que existiam em volta do quilombo) que realmente foi o mais conhecido no Brasil e representa até hoje a luta do Movimento Negro. Zumbi foi o último rei do Quilombo que resistiu por quase 20 anos as investidas dos portugueses, sua morte ocorreu após seu esconderijo ser denunciado no dia 20 de novembro de 1695, a data foi escolhida para marcar o Dia da Consciência Negra (PERFIL ALIMENTAR, 2006, p.6).

Após anos de luta em 13 de maio de 1888 a Lei Áurea instituiu formalmente o fim da escravidão, o que não possibilitou aos negros e negras o acesso aos direitos ou até mesmo o fim de segregação desses sujeitos pela sociedade, pelo contrário, os escravos foram expulsos das terras em que viviam e só restaram duas possibilidades; viver nas periferias urbanas ou refugiarem-se nas comunidades quilombolas essa última opção foi escolhida pelos moradores da zona rural. Assim Barreto (2006) relata que “Consequentemente, os que buscaram refúgio nas áreas rurais, acabaram por se isolarem de comunidades quilombolas distantes das cidades”. Essas comunidades se espalharam para diferentes locais no Brasil.

O Estado do Tocantins teve duas importantes rotas migratórias durante o período da escravidão. Uma entrada pela região Sudeste, na busca pelo ouro: a tão conhecida Rota do Ouro, e a outra pela região Norte, na busca por pastos naturais para a criação de gado: a Rota do Gado (APA, 2012) e “por volta de 1700 se inicia o

clico do ouro no norte de Goiás, região que é conhecida hoje como Tocantins”. Durante esse ciclo foram criadas várias cidades como Natividade, Almas, Arraias, Porto Nacional entre outras. Na década de 1980 a mineração entra em crise e a população era composta por 89,30% de pessoas afro-brasileiras . Com a crise vários negros e negras escravizados foram vendidos e levados para outras regiões, outros fugiram e formaram os quilombos.

Acrescenta-se ainda que a rota do gado começou quando a pecuária se expandiu de Pernambuco e Bahia para o Sul do Maranhão e em seguida para o Tocantins, onde foram criadas vilas que hoje são cidades como Tocantinópolis e Araguatins. Os criadores vinham soltando gados nos pastos naturais e deixando dois ou mais escravos cuidando dos animais. Com o fim da escravidão os africanos ocuparam as áreas das florestas para trabalhar com a caça e o extrativismo. Assim, a partir desse cenário foi surgindo várias comunidades no Tocantins como a de Cocalinho que se encontra localizada entre as bacias dos rios Tocantins e Araguaia (FGV, 2016).

4.2 O surgimento da Comunidade Quilombola de Cocalinho

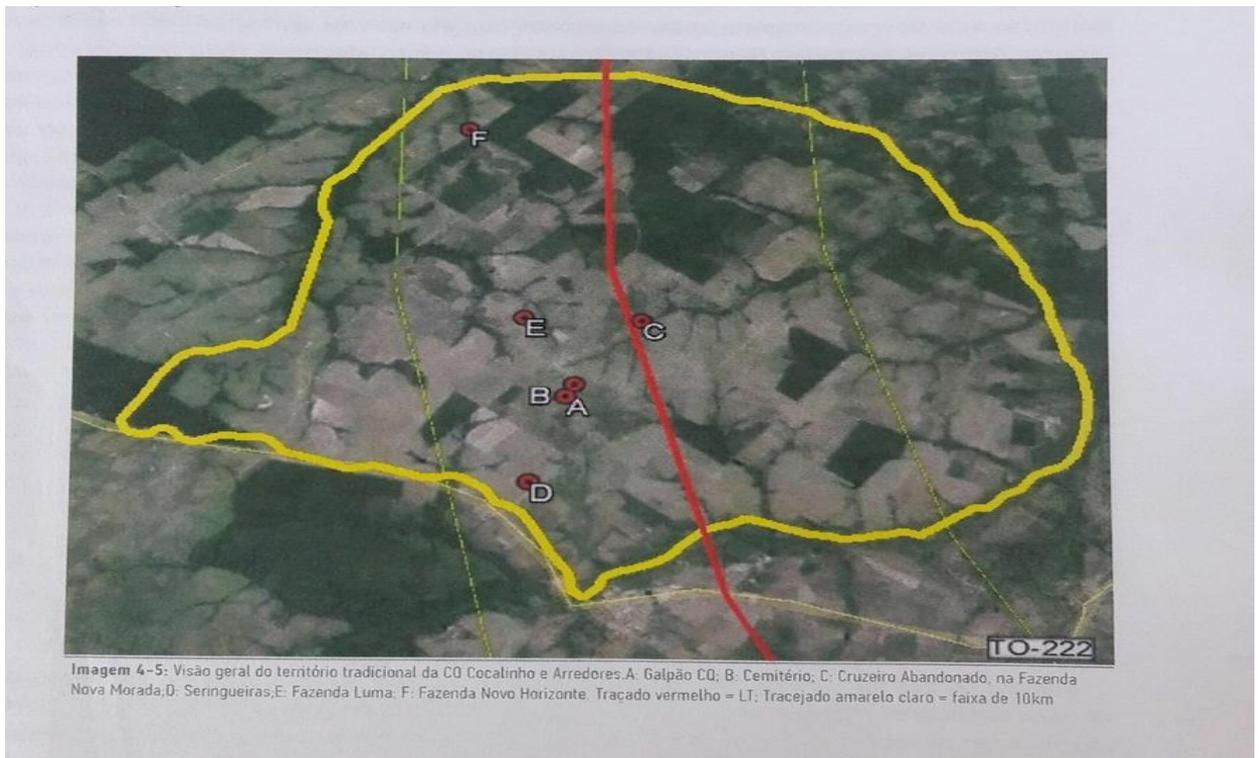
À ocupação do território da Comunidade Quilombola de Cocalinho (CQC), se deu a partir da chegada dos primeiros moradores em 1965 vindos (algumas poucas famílias) em maior parte do estado do Maranhão (famílias remanescentes de quilombo) em busca de terras férteis para plantio. Na época a comunidade utilizou uma quantidade de área considerável, pois a produção de cada família ano após ano ocorria em áreas diferentes de forma que aquele local utilizado no ano anterior pudesse se regenerar e a sua vegetação crescer, para que desse modo ocorresse a preservação da natureza, tradição passada dos seus antepassados, segundo relato de populares da comunidade. Em um estudo realizado por Silva (2019) na Comunidade Quilombola de Cocalinho

“[...] porque aqui era um lugar de mata virgem, parecia ser um lugar que nunca tinha sido povoado, tanta que para chegar nesse local as pessoas tinham que abrir caminho com facão e foice devido ser um local de difícil acesso” (SILVA, p. 14, 2019).

Com o passar dos anos a comunidade foi crescendo e a quantidade de famílias que ali habitavam também aumentou. Os recursos naturais para as atividades produtivas ficaram mais escassos, além das disputas por territórios que eram travadas entre os moradores e donos das grandes fazendas que cercavam a comunidade (SILVA, 2019).

A comunidade Cocalinho, também conhecida é como “Cocalinho”, nome que surge pelas características ambientais da região formada por palmeira Babaçu, que compõe a paisagem, encontra-se Localizada no corredor ecológico do rio Araguaia (SUDRÉ et al., 2021) como pode observado no mapa do laudo antropológico do território de Cocalinho (Figura 1) realizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria (INCRA) e finalizado em 2015, onde mostra que a comunidade possui uma área de quase 700 hectares.

Figura 1. Território da Comunidade Quilombola de Cocalinho.



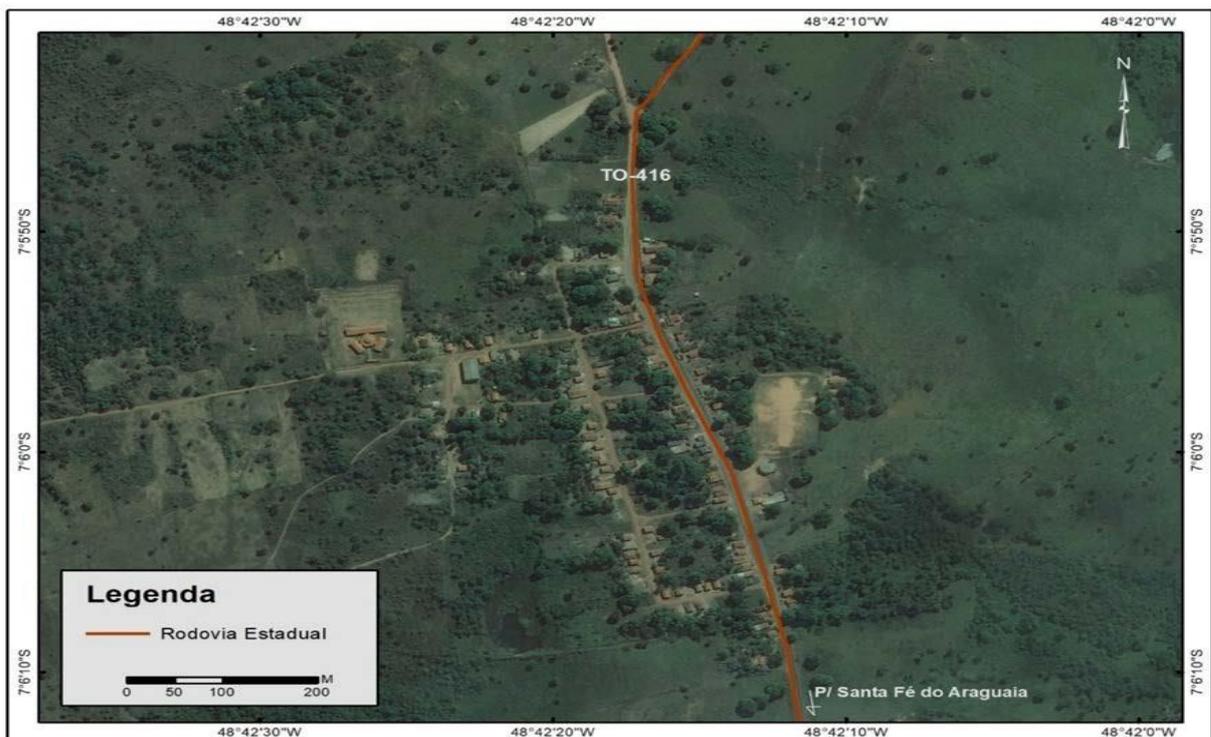
Fonte: Acervo da Associação Comunidade Quilombola de Cocalinho (ACQC).

A comunidade Cocalinho é dividida em pequenos lotes (Figura 2) onde estão construídas as casas das famílias remanescentes dos primeiros moradores que hoje

estão em cerca de 114 famílias. Os moradores da comunidade já passaram por várias situações de conflitos para que saíssem do local. Uma dessas situações é narrada por moradores como dona Francisca de 43 anos que narra...

“[...] Há muitos anos atrás aconteceu, que um dos donos de uma grande fazenda tentou expulsar a comunidade daquele local, mas com a ajuda de Deus e da união da comunidade não perdemos tudo, mas ficamos somente com uma pequena área que é a que moramos hoje. (SILVA, p. 16, 2019)”.

Figura 2. Imagem de satélite do território quilombola destacando delimitação feita pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).



Fontes: Google Earth (2020).

Muitas lutas para reconhecimento ocorreram ao longo dos anos e a comunidade só foi reconhecida como uma remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 16 de janeiro de 2006 na época com 150 famílias, que possibilitou o desenvolvimento tanto na saúde e educação como também no setor da agricultura para ajudar as famílias (SILVA, 2019).

As comunidades quilombolas brasileiras contam com uma série de ações do governo federal para fortalecer a valorização e preservação cultural, a produção regional e o desenvolvimento sustentável. A certificação foi feita no intuito de cessar a perda de território do quilombo para fazendeiros, e hoje existem estudos antropológicos realizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria (INCRA) a pedido da Associação da Comunidade Quilombola de Cocalinho (ACQC) no intuito de recuperar suas terras perdidas. O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) afirma que "Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos". (CALDAS e GARCIA, 2007).

4.3 A agricultura familiar na Comunidade Quilombola de Cocalinho

A atividade econômica nos quilombos teria sua origem numa peculiaridade da escravidão que seria o hábito que os senhores tinham de conceder parcelas de terras e um ou dois dias por semana para que os escravos pudessem cultivar alimentos para se manter, porque era uma forma dos proprietários se eximirem dos gastos com o sustento dos cativos. O hábito e o domínio da agricultura, incluído a comercialização dos seus excedentes inspiraram os escravos a terem uma vida sustentada pelo cultivo da terra. Fidelis e Bergamasco (2013, p.115) enfatizam que "Agricultura é desta forma, antes de qualquer análise linear, parte de uma estratégia maior que tem como base a reprodução e a segurança alimentar do núcleo familiar das comunidades Quilombola".

O principal sustento do quilombo mesmo após a lei Áurea continuou sendo o comércio da produção agrícola. Apesar da dificuldade, a tradição do cuidado com meio ambiente e o desenvolvimento econômico sustentável se mantem até os dias atuais.

Não muito diferente, a Comunidade Quilombola de Cocalinho desenvolveu uma atividade produtiva baseada nos hábitos do seu ancestrais que seria o plantio de arroz, feijão, mandioca dentre outras culturas. Porém há cerca de alguns anos a criação de pequenos animais de produção de pequeno porte vem crescendo cada vez mais, porém essa atividade não é muito explorada devido aos recursos que são limitados.

4.3.1 A criação de animais junto à comunidade

As comunidades quilombolas se caracterizam na maioria pelo vínculo com o meio em que ocupam, observando um grande grau da preservação da biodiversidade. Estas mesmas comunidades sobrevivem da agricultura de subsistência, em que a agricultura é baseada na mão-de-obra familiar assegurando produtos básicos para o consumo. Para completar a renda familiar, animais de pequeno porte são criados nestas comunidades, como galinhas, porcos, patos e cabritos (SILVA, 2012).

A criação de pequenos animais ocorre paralelo as atividades agrícolas e se destaca pela sua importância na segurança alimentar, geração de emprego e renda, força de tração e produção de adubo e fibra (LIMA, 2006). Produtos da criação como carnes, ovos dentre outros e seus derivados, juntamente com os de origem vegetais, podem satisfazer as exigências nutricionais do ser humano, tendo em vista que são fontes de lipídios, proteínas e carboidratos (TORRES et al., 2000).

As contribuições das atividades produtivas (agricultura, criação de animais, etc.) na renda familiar é bastante significativa, contudo, estas vão além da geração de renda. Portanto, muitas das vezes se constituem a própria manutenção da comunidade quilombola, que além de serem atividades práticas carregadas de significados e que trazem à recordação, bem como o viver cotidiano com os ensinamentos dos seus ancestrais. Assim, coloca-los em pratica é uma forma de manter a vida e as lembranças de um passado de lutas e importantes vitórias (JESUS et al., 2019). Nesse contexto, a criação de animais na Comunidade Quilombola de Cocalinho não é muito diferente dessa realidade, ou seja, se assemelha as demais que se encontram no País.

5 METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente trabalho foi realizado na Comunidade Quilombola de Cocalinho, município de Santa Fé do Araguaia - TO, que possuía uma área de 700 hectares e atualmente tem população de 583 pessoas, com cerca 114 famílias. Procedeu-se com aplicação de um questionário foi junto a 29 famílias na comunidade, em forma de entrevista semiestruturada, realizada por meio de visitas “*in loco*” e esporádicas com a concordância dos proprietários de “lotes” (áreas residentes pelos mesmos na

comunidade), afim de levantar informações e caracterização referente a criação de pequenos animais.

As visitas foram realizadas de modo aleatório, ou seja, as famílias foram escolhidas ao acaso sem considerar afinidade, grau de parentesco ou qualquer outro tipo de influência, e levando em conta indicações dos próprios moradores da comunidade, partindo da ideia de que já se conhecia-se as famílias e os horários que estariam em suas residências. Inicialmente procedeu com uma visita pessoalmente pela manhã em horários que variavam da oito as dez horas e também no fim do dia entre as quinze e dezoito horas, sem agendamento prévio e ficando cerca de vinte minutos a meia hora em cada propriedade. O início da coleta de informações foi no mês de fevereiro e finalizado em maio de 2022. Se aplicava em média três questionários por dia, porém não eram feitos todos os dias, ou seja, a visitas eram esporádicas.

A abordagem do estudo de caso foi para compor um diagnóstico de caráter descritivo para caracterização dos tipos de animais de criação que têm na comunidade. No roteiro semiestruturado com perguntas abertas e fechadas aplicado junto as famílias da comunidade quilombola contava perguntas sobre as espécies de animais criadas pelos mesmos, forma de criação, prática de manejo, alimentação dos animais, entre outras informações necessárias para entender ou esclarecer o processo. Ademais, as perguntas do questionário foram parcialmente formuladas antes de ir a campo e adotou-se uma flexibilidade, pois assim permite aprofundar em elementos que porventura surgiu durante “as entrevistas”. Assim, procedeu-se com a realização de uma pesquisa de campo que consistiu na coleta de dados, seguida de uma análise de conteúdo buscando interpretar os referidos dados, tendo como objetivo compreender a investigação.

As informações coletas foram organizadas e posteriormente examinadas à luz da análise qualitativa. Ademais, a organização foi em forma de texto descritivo e planilha do Excel com a tabulação dos dados para porcentagens, bem como a análises e interpretações da pesquisa. Os resultados constituirão a principal fonte que sustentou as informações e conclusões apresentadas nesse trabalho descritivo. Além disso, foi coletada imagens que auxiliaram no entendimento desse trabalho.

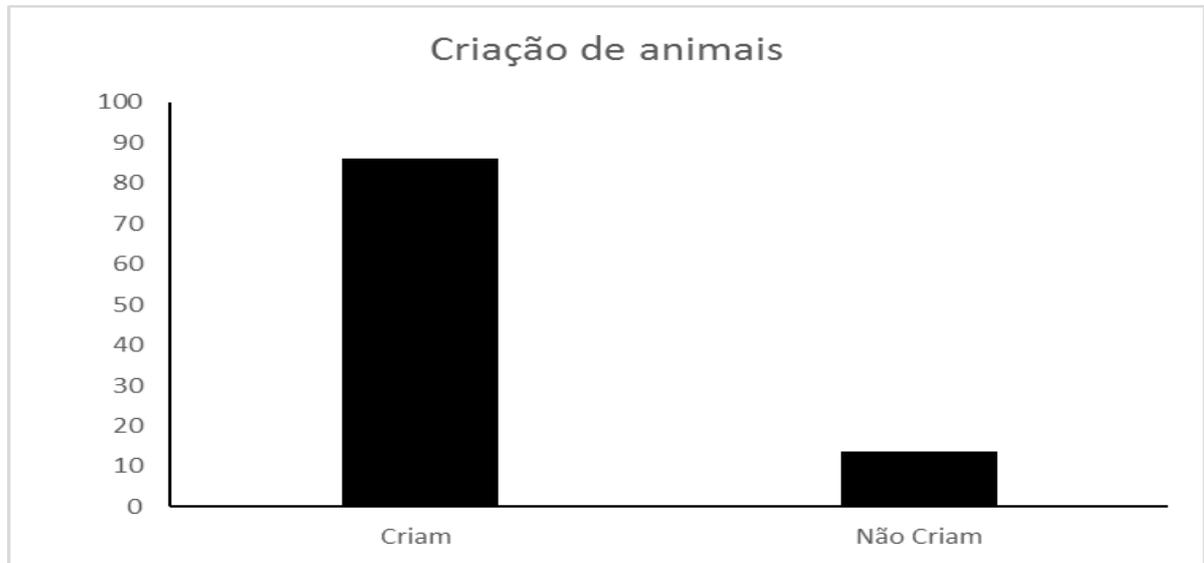
A proposta foi composta de informações geradas após aplicação do questionário, bem como de um termo de consentimento junto aos integrantes da comunidade Quilombola que aceitaram participar da pesquisa e deixado fazer registros fotográficos. Esses fatos ocorrerão depois de um contato prévio e esclarecimentos dos objetivos e demais explicação referentes ao estudo, assegurando o sigilo e isentando os participantes de qualquer pagamento ou prejuízo, constados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O termo foi assinado pelo pesquisador e pesquisados, os quais mesmo preferindo serem citados no trabalho para constarem suas autorias, seus nomes foram ocultados para evitar algum transtorno. Após a explicação do projeto e questionamento sobre a concordância em participar do mesmo, fazendo o uso de um termo de livre consentimento (TLC), aplicou-se o questionário de forma informal, que foi conduzido como um “bate papo”, em que se obteve informações sobre as criações existentes na comunidade.

O processo da coleta de informações com as visitas “*in loco*” procedeu respeitando as recomendações/protocolos de saúde, devido ao momento atual da pandemia pelo COVID19 que exige distanciamento social, ou ainda algumas vezes usando tecnologia digital como celular e aplicativo “WhatsApp” para tirar dúvidas sobre algumas questões.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com as informações levantadas sobre a criação de animais pela comunidade quilombola do Cocalinho, 86,20% dos entrevistados criam diferentes espécies de animais e 13,80% não criam nenhum tipo (Figura 3). Esse fato de criar animais em comunidade quilombola é uma realidade muito comum que acontece desde das época dos quilombos e comum nos dias de hoje nas comunidades remanescentes com diferentes fins.

Figura 3. Criação de animais na Comunidade Quilombola de Cocalinho.



Os animais criados são os de pequeno porte como porcos e galinhas, e esses resultados chegam a maior porcentagem e destaque com a criação de “porcos” (suínos) que faz presente em 86,2% das propriedades, sendo seguida pela de galinhas com 13,8% (Figura 4). Algumas pessoas criam as duas espécies e outras somente uma delas conforme pode ser observado da figura 5. A explicação que os levam a criar são por motivos diferentes como afinidade pela criação de animais, por ter um alimento em casa para consumo da própria família, bem como uma renda extra para ajudar nas contas de casa. Ademais, estas espécies demandam menor espaço e são de fácil criação. Algumas famílias que não criam alegam como motivo, a falta de espaço demanda para a criação e também pelo fato de a alimentação ser muito cara, já outros afirmam estar velhos demais para manejar esses animais e seus filhos não residem na comunidade. Apesar de a comunidade ser composta em sua maioria por pessoas de idosas, os jovens tentam manter as suas culturas e tradições vivas.

Cabe ressaltar segundo relatos, que em algum momento desde o estabelecimento da comunidade naquele local, houve a criação de outras espécies de animais como bovinos, galinhas da angola e patos.

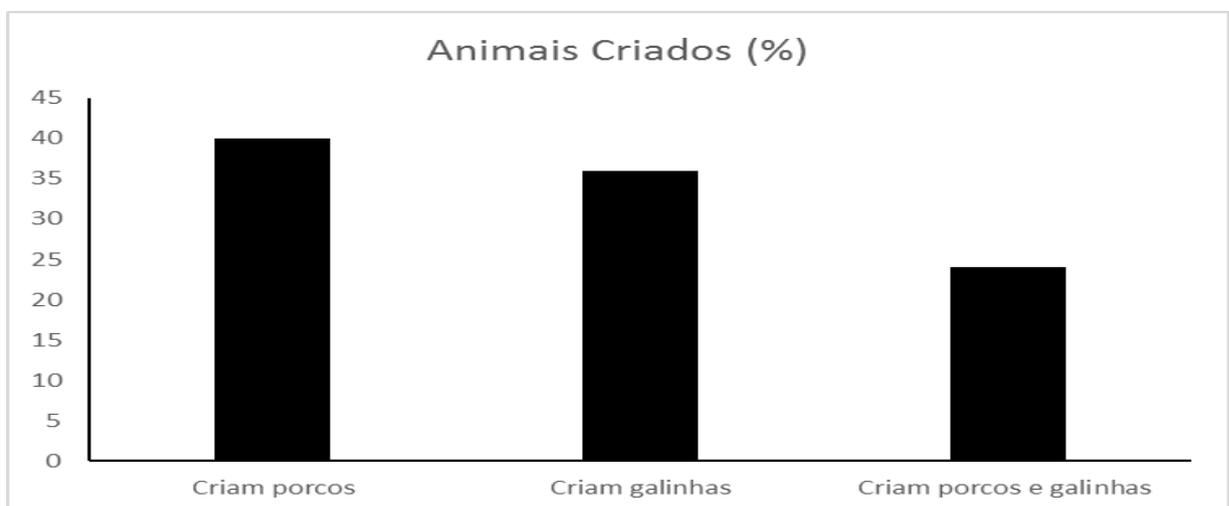
Figura 4. Criação de animais (A e B) na comunidade Quilombola de Cocalinho município de Santa Fé do Araguaia – TO.



Fonte: Autoria própria.

Dentre as espécies criadas, a atividade mais recente é a criação de “porcos” (suínos) que vem se intensificando nos últimos 5 anos, pois os moradores têm buscado novas fontes de renda fazendo uso de área comum da comunidade, que possui também plantio de feijão e mandioca. Os animais criados na comunidade, em geral são mestiços com sangue Durok e Pietran e algumas raças de porcos do tipo “banha”. As raças cruzadas têm como características um corpo longo de tamanho médio, uns bons rendimentos de carcaça produzem carne com pouca gordura, e em algumas propriedades são criados os porcos exclusivamente para a utilização da banha.

Figura 5. Espécies de animais criados na Comunidade Quilombola de Cocalinho.



Fonte: Autoria própria.

A quantidade de animais criados por família varia muito e podem chegar de 10 a 20 galinhas e de 5 a 13 “porcos”. Esse fato está relacionado a vários fatores que vão desde a disponibilidade de mão-de-obra para ajudar na criação, disponibilidade de recurso financeiro indo até as questões de espaços não disponíveis no lote para colocar a criação. Devido a essa situação, alguns moradores da comunidade possuem criação de porcos em uma área comunitária, onde as instalações são distribuídas ao acaso conforme conversa informal entre os mesmo que ali se encontram, e a concordância se dá efetivamente com a disponibilidade de espaço (Figura 6). Nesse local existe também a criação realizada em parceria/conjunta.

Figura 6. Área comunitária de criação de “porcos”.



Fonte: Autoria própria.

Segundo informações levantadas junto aos criadores da comunidade, os animais são provenientes de compra, da troca, e até de doação entre os membros da comunidade e moradores próximos a região. Esse tipo de aquisição é variado em função das oportunidades que aparecem para negócios e necessidade de estar trocando algum animal por diferentes motivos que vão desde a troca do macho que vai cobrir as fêmeas como também por motivo de doença/morte de algum animal.

A criação de “porcos” na comunidade é feita em sistema completamente confinado chamado de “chiqueiros”, e construídos com madeiras que vão desde a contenção lateral indo até o telhado, onde estes são cobertos com de telhas de fibrocimento, chamada por eles de “brasilit”, o piso é cimento ou de terra batida. O confinamento dos animais é em baias comunitárias, separados em áreas destinadas para as porcas com barão, para os que estão em engorda, e uma para creche.

A alimentação é feita de duas a três vezes ao dia conforme o criador, onde pela manhã ocorre de 6:00 às 9:00 horas, no final da manhã e início da tarde ocorre de 11:00 às 12:00 horas, e no final do dia das 16:00 às 18:00 horas. Essa alimentação é feita com as sobras das refeições dos criadores, o milho grão, o farelo de milho, farelo de arroz comprados na cidade (Figura 7) e quando conseguem do laticínio da cidade de Santa Fé do Araguaia no período chuvoso, oferecem o soro de leite que também é comprado. Ocorre também o fornecimento de resíduos da produção de alguns criadores que plantam algumas culturas como mandioca, abóbora, etc.

Figura 7. Saco de farelo de arroz utilizado na alimentação dos porcos (A), milho inteiro (B) e farelo de arroz (C).



Fonte: Autoria própria.

O alimento é colocado em comedouros feitos de diferentes materiais conforme o criador que podem ser de cimento, madeira ou tambores de polietileno que são reutilizados e cortados ao meio, como podem ser observados na figura 8.

Figura 8. Comedouros utilizados para alimentar os porcos e construído com cimento (A), madeira (B) e tambores reciclados (C).



Fonte: Autoria própria.

O “trato” dos animais é realizado normalmente por uma pessoa da família de criadores, e essa pessoa fornece a alimentação todos os dias, faz a limpeza do recinto que estão os animais, retira os dejetos que são jogados ao ar livre em área próxima as instalações. Esse tipo de procedimento em pequenas propriedades rurais familiares como nas comunidades quilombola de Cocalinho é comum, tanto pelo fato da atividade ser realizada por membro da família, em maior parte feita pela matriarca, como também pelo direcionamento dos dejetos dos animais que são um problema quando feito de forma errônea e em local inadequado, trazendo assim contaminações ao ambiente.

Os dejetos produzidos por esses animais permanecem expostos ao ar livre sem qualquer tratamento e não são utilizados como adubo conforme Machado e Sonegatti (2008, p. 138) diz que “[...] o lançamento indiscriminado de dejetos não tratados em rios, lagos e no solo, pode provocar doenças (verminoses, alergias, hepatite, hipertensão, câncer de estômago e esôfago)”.

Conforme resposta dos criadores de pequenos animais da comunidade quilombola, o reparo das instalações e suas estruturas é feito quando necessário, e ocasionalmente outros membros da família ajudam nas atividades. Raramente tem a contratação de mão-d- obra na comunidade interna ou externa a mesma para auxiliar, pois isso implica em gastos extra que fogem do orçamento e condições dos criadores.

Quanto a comercialização dos animais, normalmente apenas uma pessoa da família se responsabiliza por fazê-la, e em geral é realizada pela matriarca quando a família só tem a mesma, ou pelo patriarca quando este presente na família. Essa comercialização é feita com negociações entre os membros da comunidade que criam animais ou não, é vendido ocasionalmente para vizinhos da comunidade ou ainda para açougues nas cidades de Santa Fé do Araguaia, Muricilândia e até mesmo de Araguaína - TO.

Quanto aos aspectos sanitários com o controle de doenças destes animais é feito através de aplicação de medicamentos sem o uso de receitas e comprados nas cidades vizinhas, além do uso de remédio caseiros a base de plantas como os fitoterápicos (como óleo de buriti). Essa prática de uso de plantas com fins medicinais para prevenção, tratamento e cura de doenças é uma das mais antigas formas de conhecimento da humanidade. As plantas medicinais têm sido utilizadas com finalidades terapêuticas desde os primórdios da humanidade e continuam tendo o seu valor não apenas nas comunidades tradicionais como também são objetos de estudos interdisciplinares na busca de novos fármacos (MACEDO et al., 2002).

Na atualidade segundo Veiga Junior et al. (2005) essas plantas ainda permanecem sendo empregadas por grande parte da população como meio alternativo para alívio de sintomas de diferentes tipos de problemas de saúde em humanos e em animais como os porcos e também as galinhas.

Em relação a criação das galinhas na comunidade quilombola Cocalinho que são do tipo “caipira”, essa é feita em parte ao ar livre nos terrenos de suas casas, parte confinada e pouco antes do consumo, os animais são contidos em gaiolas (Figura 9). As estruturas de contenção das galinhas, ou os pequenos cercados rústicos são feitas com tela e confeccionados pelos próprios criadores, e nesse local, os animais recebem alimentação e água para a limpeza do trato gastrointestinal. Isso ocorre por volta de quatro dias antes do abate do animal principalmente quando os mesmos são adquiridos através de compra ou presente de outros moradores da comunidade. Segundo os criadores da comunidade quilombola Cocalinho, “essa prática serve para limpar a galinha”. Essa prática é adotada em todas as propriedades da comunidade e é uma rotina realizada desde os seus ancestrais.

A alimentação das galinhas tem como fonte o milho grão, farelo de milho e sobras das comidas da família dos criadores ou de culturas cultivadas no local pelos mesmos como o próprio milho, frutíferas, etc. O fornecimento dos alimentos varia de duas a três vezes ao dia conforme o criador, sendo pela manhã por volta das 6:30 às 9:00 horas, ao meio dia e ao final da tarde até as 18:00 horas. Esse “trato alimentar” de manejo é normalmente realizado por um membro da família do criador ou o próprio, sendo o mesmo que se responsabiliza por contar os animais e descobrir onde esses animais fazem seus ninhos, uma vez que têm por habito fazer esses ninhos “em qualquer lugar” por serem criadas ao ar livre.

Foi observado junto ao estudo que é dada a oportunidade aos animais de se desenvolver e interagir com o meio ambiente, e que é respeitando as fases de seu ciclo vital. Ademais, em muitas propriedades os animais andavam livremente dentro delas as casas dos criadores. Como a criação de galinhas na comunidade ocorre de forma expressiva, a produção de ovos em geral está presente e disponíveis. A exceção aparece quando os ovos são deixados para chocar, ou quando, dependendo “da época”, não ocorre a postura de ovos. A criação de galinhas em sistema extensivo é bastante fácil diante da adaptabilidade das linhagens caipiras e por ser animal de importante papel no âmbito da agricultura familiar (RALPH et al., 2016) e nas comunidades tradicionais.

Figura 9. Galinhas criadas ao ar livre (A), e estrutura de contenção de galinhas na Comunidade Quilombola de Cocalinho (B).



Fonte: Autoria própria.

Em geral, os responsáveis pelos cuidados dos animais (galinhas e porcos) são em sua maioria composto por mulheres, ou seja 90% e apenas 10% os homens. Durante a semana, as mulheres ficam responsáveis pelos cuidados dos animais, pois os homens trabalham fora da comunidade quilombola em fazendas ou em cidades próxima para manter as despesas da família, e só voltam para casa aos fins de semanas ou de 15 em 15 dias. Quando retornam as suas residências fazem os reparos e cuidados necessários nas estruturas/instalações.

Junto a criação de galinhas, não há uma comercialização grande na comunidade quilombola, e tão pouco para fora da mesma. A criação em sua maioria é para consumo próprio, os poucos que vendem são para outros moradores da própria comunidade e para alguns locais como açougueiros de Santa Fé do Araguaia e região.

Em relação aos aspectos sanitários das galinhas, ocorre de forma parecida com as dos porcos com o uso de plantas com princípios medicinais conforme precisa e sempre fazendo o uso dos ensinamentos repassados pelos antepassados.

Na comunidade, não há um programa de assistência técnica para auxiliar/orientar os criadores a manejar esses animais, tanto em práticas como alimentação, instalações, uso de medicamentos, bem-estar, dentre outros aspectos da criação e seu controle de produção. O que é praticado vai conforme o entendimento de cada criador e a troca de informações entre os mesmos na comunidade. Assim, dentro do contexto Zootécnico tem que ser feito para com isso melhorar a criação desses animais e trazer melhor resultados aos criadores. Ademais, ressalta-se que a comercialização tanto dos porcos quanto das galinhas poderia se tornar uma atividade lucrativa e ajudar esses criadores a terem uma renda extra, que poderiam ter melhor resposta se tivesse uma organização de extensão rural para orientar no manejo, comercialização, bem-estar e instalações.

Assim, enfatiza-se que a criação de pequenos animais na comunidade quilombola de Cocalinho se constitui na própria manutenção da mesma, além de serem práticas carregadas de significados que trazem à memória e a vivência cotidiana e os ensinamentos dos seus ancestrais. Praticá-las é, portanto, uma forma de manter a vida e as lembranças de um passado de lutas e importantes vitórias

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação de pequenos animais é constituída por porcos e galinhas criados em geral com sobras da alimentação dos criadores e grãos comprados na região, e o destino em maior parte dos animais é utilizada no consumo dos próprios criadores e em poucas ocasiões são vendidos ao comercio local.

Essa atividade é de grande importância para os moradores, pois é de grande ajuda nas despesas de casa, contribuem na alimentação e por vezes nas despesas.

Uma das principais fragilidades encontradas é que a falta de acompanhamento técnico e direcionamento desses criadores torna a criação um pouco precária, o que poderia ser uma fonte renda na comunidade com possibilidades de crescimento tanto na produção destes animais quanto na comercialização dos mesmos.

É importante “sugestões/recomendações” a serem levadas as comunidades Quilombolas, que não comprometam as tradições juntamente com o uso de práticas de manejo que venha a melhorar as criações de animais e que podem fazer a diferença na vida da mesma de forma que o foco na sustentabilidade esteja sempre presente.

O incentivo com políticas públicas e assistência técnica e social por meio dos órgãos municipais, estaduais e até mesmo federais pode fazer a diferença junto aos criadores com suas pequenas criações de animais, bem como a manutenção das comunidades tradicionais como os quilombolas.

REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APA. **Os Territórios Quilombolas no Tocantins**. Alternativas para Pequena Agricultura no Tocantins. 2012, 34p.

BARRETO, J. N. (2006). **Implantação de infra-estrutura habitacional em comunidades tradicionais: o caso da comunidade quilombola Kalunga**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

CAMBUY, A. O. S. Perfil alimentar da comunidade quilombola João Surá: um estudo etnográfico. 2016. Dissertação (Conclusão de Graduação) **Faculdade de Nutrição**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

DOI: . Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/7m7spDq5Xm6vNYFqmh89X7g/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 15 nov. 2021.

FIDELES, L. M.; BERGAMASSO, S. M. P. P. Quilombos e a agroecologia: a agricultura tradicional como estratégia de resistência da Comunidade Quilombola João Surá. **Associação dos Geógrafos Brasileiros**. Mato Grosso do Sul, n. 18, p. 112 - 141, 2013.

CONAQ. Fundação Palmares certifica mais de 30 comunidades quilombolas, 2018. Disponível em: <https://conaq.org.br/noticias/fundacao-palmares-certifica-mais-de-30-comunidades-quilombolas/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

FGV. **Amazônia legal: propostas para uma exploração agrícola sustentável**. Centro de Estudos do Agronegócios – EESP: Fundação Getúlio Vargas. 2016.

FURTADO, M. B.; PEDROZA, R. L. S.; ALVEZ, C. B. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma cultura a partir da psicologia cultural. **Psicologia e Sociedade**, n. 26, v.1, p. 106 -115, 2014.

JESUS, P. P.; SILVA, E. O.; MONTELES, J. S.; FERREIRA, V. F.; FUNO, I. C. S. A. Percepção Socioeconômica de Uma Comunidade Quilombola do Município de Bequimão – MA, Brasil. **II Congresso internacional das ciências agrárias**, COINTER-PDVAgro, 2019.

LIMA, G. D.; TUBALDINI, M. A. S. **Economia solidária e as comunidades rurais quilombolas de Macucos e Pinheiros – Alto Jequitinhonha. XIX ENGA, São Paulo: 2009.**

LOPES, R. C. D. Identidade e territorialidade na comunidade remanescente de quilombo Ilha de São Vicente-Tocantins. **Repositório Institucional**, Palmas, Eduft, p. 1-148, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/2424>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MATOS, W. S.; EUGÊNIO, B. G. Comunidades quilombolas: elementos conceituais para sua compreensão. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 11, n. 2, p. 141-153, 2018.

GONÇALVES, P. R.; SILVA, R. A.V. Os Territórios Quilombolas no Tocantins. **APATO**. Disponível em: <https://www.apato.org.br/documentos/cartilha-quilombolas-do-tocantins-web.pdf>. Acesso em 30 de nov de 2021.

SANTOS, C. S.; CARDOSO, A. L.; CARVALHO, A. F.; MIRANDA, I. S. Terras quilombolas: um abismo entre certificados e títulos. **Núcleo do Conhecimento**. São Paulo. v. 11, n. 7, p. 121-147, 2019.

SUDRÉ, S. G. S.; CALDEIRA, R.; SIARES, T. D. Culinária Tradicional Quilombola: expressões culturais e potencialidades turísticas da Comunidade Cocalinho - Tocantins. **Ágora (St. Cruz Sul, Online)**, v.23, n.1, p. 247-264, janeiro-junho, 2021.

TORRES, E.A.F.S.; CAMPOS, N.C.; DUARTE, M.; GARBELOTTI, M.L.; PHILIPPI, S.T.; MINAZZI-RODRIGUES, R.S. Composição centesimal e valor calórico de alimentos de origem animal. **Ciência e Tecnologia de Alimentos**, v.20, p.145-150, 2000. DOI: 10.1590/ S0101- 20612000000200003.

VEIGA JUNIOR, V. F.; PINTO, A.C, MACIEL, M. A. M. **Plantas medicinais: cura segura?** Química Nova. v.28 n.3, São Paulo, 2005.

CERTIFICAÇÃO QUILOMBOLA. **Fundação Cultural Palmares**, 2022. Página inicial. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/quadro-geral-por-estados-e-regioes-30-06-2022.pdf>. Acesso em: 01 de agosto de 2022.

CAMBUY, A. O. S. **Perfil alimentar da comunidade quilombola João Surá: um estudo etnográfico**. 2006. 61f. Projeto de Conclusão de Graduação em Nutrição- Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

SILVA, B. A. **Nova cartografia social da comunidade quilombola cocalinho: Santa Fé do Araguaia (TO): uma perspectiva a partir da luta e resistências pela demarcação territorial do quilombo**. 2019. 58f. Trabalho de conclusão de curso- Universidade Federal do Tocantins. Tocantinópolis, 2019.

MACHADO, G; SONEGATTI, O. Consequências ambientais relacionados à suinocultura no município de dois vizinhos (pr - Brasil). **Caderno Prudente de Geografia**. v. 1, n. 30, p. 133-160. 16 de mar de 2020.

CALDAS, A; GARCIA, L. **Direito à terra das comunidades remanescentes de quilombos: o longo e tortuoso caminho da titulação**. 2007. Disponível em: <http://www.global.org.br/blog/direito-a-terra-das-comunidades-remanescentes-de-quilombos-o-longo-e-tortuoso-caminho-da-titulacao/#:~:text=Assim%2C%20o%20artigo%2068%20dos,%2DIhes%20os%20t%C3%ADtulos%20respectivos.%E2%80%9D>. Acesso em: 01 de Agosto de 2022.